

O ÍNDIO REAL X O ÍNDIO IMAGINÁRIO: DESMISTIFICANDO O CONCEITO ACERCA DO POVO INDÍGENA POTIGUARA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA DE CAMPO

José do N. Soares

Graduando em Pedagogia - Faculdade Internacional da Paraíba.

Josesoares02@hotmail.com

Saraliene Araújo da Nóbrega

Graduanda em Pedagogia - Faculdade Internacional da Paraíba.

saralienearaujo@gmail.com

Paulo Roberto Nóbrega dos Santos

Pedagogo graduado/Especialista em Educação Inclusiva pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

paulopimentafip@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva relatar a experiência científica que vivenciamos numa aula de campo, tendo sido a mesma realizada na Aldeia Indígena Alto do Tambar, na cidade de Baía da Traição. A partir dela se pôde constatar que a figura do índio que aprendemos desde pequenos nas escolas encontra-se engessada em nosso imaginário. Comumente esquecemos que a cultura indígena, como qualquer outra cultura, também passa por transformações, o que lhe ocasiona novos comportamentos e ações, aproximando assim o indígena contemporâneo de qualquer outro ser humano. Durante a visita, seguindo o método etnográfico, realizamos uma observação participante junto aos indígenas e fizemos alguns registros fotográficos. A aula de campo enquanto prática pedagógica científica revelou o quão necessário é ressignificar as imagens que foram sendo criadas no decorrer da história nacional e que povoam as mentes a respeito das comunidades indígenas até os dias atuais, e nesse sentido a experiência em campo assumiu um papel desmistificador.

Palavras-Chave: Índio contemporâneo, Potiguara, Aula de campo, Etnografia.

INTRODUÇÃO

Conforme Elisa Gonsalves (2014, p. 20): “As pessoas constroem novos conhecimentos com base no seu próprio conhecimento, nas suas próprias referências, isto é, o processo de conhecimento é sempre autorreferencial”. Este trabalho foi realizado com o propósito de se colocar frente a frente com a cultura indígena e observar suas transformações. Nesse sentido, nada melhor do que poder estar no campo de pesquisa para confrontar uma referência imaginária com a mais real possível a

respeito do tema. O olhar etnográfico, como método usado na prática pedagógica realizada, aqui também nomeada de experiência científica e de trabalho de campo, proporcionou contato com a atmosfera do lugar, tornando o aprendizado muito prático, educativo e significativo. Devemos dizer que ele foi capaz de transformar parte do nosso entendimento, enquanto pedagogos em formação, no sentido de despertar a nossa atenção tanto para os novos significados do ser índio no século XXI quanto para as permanentes mudanças culturais às quais os indígenas estão expostos.



A esse respeito, como pensa Emanuela Carneiro da Cunha (1986), o que define uma cultura não são seus traços constitutivos, mas sim, o estabelecimento da fronteira entre um e outro, o que é feito pela atribuição da diferença, pelos traços diacríticos.

A aula comumente feita no modo usual e corriqueiramente tradicional, apresentando apenas os fatos históricos dos livros, centrada nas discussões em sala de aula, têm, inegavelmente, a sua contribuição. Contudo, como mostra a pedagoga Elisa Gonsalves (2014, p. 26): “É muito importante que os alunos e os próprios professores aprendam a trabalhar em grupos e de diferentes maneiras para desenvolver cada vez mais a sua capacidade de aprender”. Nesse sentido é que se percebe a importância de ultrapassar o espaço físico da sala de aula para vivenciar novas formas de aprendizagens. Nisso a aula de campo, pautada no referencial etnográfico, pode trazer informações e atualizações culturais imensuráveis e, ao mesmo tempo, contribuir para a formação dos profissionais, ocasionando a desconstrução e a reconstrução de conhecimentos científicos atualizados.

Conforme Maturana (1998, p. 32):

A aprendizagem é o caminho da mudança estrutural que segue o organismo (incluindo seu sistema nervoso) em congruência com as mudanças estruturais do meio como resultado da recíproca seleção estrutural que se produz entre ele e este, durante a recorrência de suas interações, com conservação de suas respectivas identidades.

Em consonância com o autor supracitado, salientamos e ratificamos aqui que, mesmo que as mentes estudantis estejam povoadas com as figuras históricas e congeladas do índio, a cultura

indígena contemporânea também se adequa cada vez mais às modernidades, embora tenhamos percebido a preocupação em preservar a essência de seus costumes e rituais de sua cultura.

Este trabalho objetiva relatar a experiência de uma visita de campo realizada na Aldeia Indígena Alto do Tambar, situada na cidade de Baía da Traição. A partir dessa pudemos constatar que a figura do índio que se aprende desde pequenos nas escolas encontra-se congelada em nosso inconsciente. Comumente esquecemos que a cultura indígena, como qualquer outra cultura, também passa por transformações, o que lhe ocasiona novos comportamentos e ações, aproximando assim o indígena contemporâneo de qualquer ser humano. Durante a visita, seguindo o método etnográfico, realizamos observação participante junto aos indígenas e também alguns registros fotográficos. A experiência científica em campo revelou-nos o quão necessário é ressignificar as imagens que foram criadas no decorrer da história nacional e que povoam as mentes a respeito das comunidades indígenas até os dias atuais, e nesse sentido a experiência em campo assumiu um papel desmistificador.

A seguir serão elencadas as observações feitas sobre a cultura do Povo Indígena Potiguar, seus costumes, crenças e seu comportamento atual.

SITUANDO HISTORICAMENTE A TEMÁTICA

No contexto atual, se torna insustentável o modelo antropológico e histórico que foi descrito na literatura conhecida sobre o “descobrimento do Brasil” bem como a “domesticação (doutrinação) dos indígenas”. Fazendo-se uma releitura atenta e crítica dos livros e documentos históricos, ao mesmo tempo confrontando-os com fatos da época, fica ainda mais evidente o “quadro de aquarela” que foi “descrito e pintado” de acordo com os interesses de domínio e exploração criminosa e escravocrata, na época, das terras desses que aqui já povoavam.

A esse respeito Ribeiro (1995, p. 118) descreve:

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compreensão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses.

Na verdade, é fato que diante da não adequação ao trabalho escravo e da resistência em não se adaptar aos modos de exploração dos dominantes, milhares de indígenas foram massacrados e

expulsos de seu habitat natural, quando não mortos aos milhares. Essa dominação tem ocasionado não somente a diminuição, mas também a extinção de vários povos originários desta nação ao longo de nossa história.

Conforme Aguiar, Ricardo e Carlos (2012)¹, em três municípios Paraibanos ainda podem ser encontrar povos Potiguaras. Eles se localizam na Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Antes, esses povos viviam em aldeias, porém com as modificações feitas pelo Diretório Pombalino, desde a expulsão das ordens missionárias, os indígenas passaram a viver em vilas. Assim encontramos esse povo muito guerreiro que continua tentando manter a sua identidade étnica, reaprendendo a sua língua raiz, que é o Tupi, os seus rituais e danças, a exemplo do Toré.

O curioso é que quando se escreve a palavra Potiguaras a tradução é: “Comedor de Camarões”, e quando se escreve Potiguar a expressão passa a significar: “Mascador de Fumo”. Independente dessas variações eles se autodenominam Povo Potiguara se remetendo a “Comedor de Camarão” e Índios de Acajutibiró.

Para o início de sua história precisamos entender o papel importante desses guerreiros indígenas na luta pela defesa de seu território, a qual durou todo o século XVI. Por volta do ano 1586, os Potiguaras se aliaram aos franceses, recém chegados à Baía da Traição. Eles traziam consigo tanto as soldados quanto munições e vinha guerrear contra os portugueses. Os portugueses já estavam aliados aos Tabajaras, que eram inimigos tradicionais dos Potiguaras, mas estes resistiram e no final saíram vitoriosos. No fim da década de 1580 os Potiguaras cercaram a cidade de N. Sra. das Neves (atual capital João Pessoa), enquanto suas aldeias eram destruídas na Baía da Traição pelos portugueses, sendo seu principal motivo de rendição. A partir de 1599, os Potiguaras fizeram as pazes com os portugueses, depois de terem perdido o apoio dos franceses, que foram derrotados em 1597, após por uma epidemia de varíola. Um dos prisioneiros dos portugueses, de forte influência junto ao povo Potiguara por sua posição xamã, conhecido por Ilha Grande, foi libertado e instruído a induzir os índios à paz, assim convencendo os chefes Potiguaras a cessar a necessidade de hostilidades contra os portugueses. Após longos conflitos envolvendo os Potiguaras e os invasores portugueses, na região que compreendia os Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, a paz passou a reinar, porém somente até a chegada dos holandeses e sua aliança com os Potiguaras.

¹ Estas informações foram retiradas de Povos Indígenas do Brasil e podem ser acessadas em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/potiguara/935>.

RELATO VIVENCIAL

Este trabalho se dá a partir de uma aula de campo do curso de Graduação em Pedagogia. Estivemos no povoado indígena potiguara situado na Baía da Traição, parte norte do Estado da Paraíba para conhecer mais de perto um novo índio, rodeado de tecnologias, com novos meios de transportes, com casas diferentes do que muita gente ainda imaginava. O intuito da aula era o de desmistificar o índio enquanto ser humano que ainda se identifica com sua cultura, e mesmo passando por todas as formas possíveis de desvalorização e grandes transformações sociais ainda luta para ser reconhecido como tal e permanecer com seus costumes e crenças. Aprendemos a partir das aulas e por estar no campo que a cultura indígena não está parada no tempo, ela se transforma cada vez mais e sente a necessidade de ser vista e respeitada por todos.



Essa aula de campo nos levou a um mergulho cultural no universo do povo indígena Potiguara, um povo que ainda resiste com suas crenças e costumes em meio a todas as influências sociais e preconceitos. Fomos levados ao local² onde se encontra a maior parte desse povo ou o que sobrou desse povo que resiste nos dias de hoje para resgatar e conservar seus costumes. Saímos para a referida aula envoltos em curiosidades e também submerso num conceito pré-estabelecido de que tipos de pessoas iríamos encontrar por lá.

Mesmo sabendo que a cultura não é estática, ainda carregávamos aquela imagem que tanto aprendemos na escola, a de um índio como um ser muito primitivo, grosseiro, curioso em relação aos brancos e parados no tempo. Para surpresa nossa, nada do que guardamos no nosso imaginário sobre indígenas pode ser visto, a começar pelas casas, vestimentas, meios de transporte, modo de comércio, forma de organização política e religiosa, dentre outros.

É oportuno lembrar o pensar de Santos (2006, p. 12): “Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas as quais podem ter características bem diferentes”. O índio potiguara tem seus costumes e comportamentos

² Pelo professor Luiz Gonzaga Junior, docente do curso de Pedagogia da FPB – Faculdade Internacional da Paraíba.

bombardeados todos os dias pela cultura que vem de fora, porém ainda luta pra resistir a todas as formas de intervenções sociais, seja ela direta ou indireta.

Durante o trajeto, e mesmo até chegar à Aldeia Alto do Tambar, não dava pra ver pessoas com características do índio tão idealizado. Em nossa primeira parada, em frente à antiga Sede da FUNAI – Fundação Nacional do Índio, observamos que ela, por sinal, estava desativada. Ficamos a perguntar: como um lugar onde deveria funcionar um órgão tão importante estaria desativado?

Logo recebemos como resposta que a sede estava funcionando em Fortaleza no Estado do Ceará, por decisão de Brasília, por motivo político de centralização. A cada minuto que se passava e a cada piscar de olhos desconstruía-se algo dentro do nosso inconsciente, ou melhor, era exterminada toda fantasia que tínhamos a respeito de um índio mitológico, ou seja, desconstruía-se algo que dentro de nós era fantasia.

Chegamos por volta de 11h00min, fomos surpreendidos pela beleza daquele lugar, dirigimo-nos para um ponto bem alto, onde existiam três canhões antigos, apontados para o mar. Naquele ponto dava pra ver uma boa parte daquelas belezas



naturais, fomos orientados com informações sobre algumas siglas e proteção do lugar, aprendemos ainda algumas palavras do dialeto indígena com nosso guia Thierry, e é importante destacar que, o referido guia é um jovem indígena e universitário.

Muitos dos moradores já estavam dentro de suas casas, obviamente fazendo suas refeições. Ficamos pensando: será que essas pessoas não já estavam cansadas de ser objetos de estudo ou de observação? Ou estamos sendo muito etnocêntrico? Conforme Rocha (1998, p.07): “Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo [...]”. De fato, não sabemos até onde suportaríamos nos colocar no lugar delas.

Lembramos aqui de uma situação na qual uma criança indígena comentou com uma colega de turma que nós não voltaríamos mais para lá. Era como se ela soubesse que seria apenas olhada em suas peculiaridades e deixada para trás.

Contudo, desde o início da aula de campo, já dava para perceber que não veríamos aquela figura estereotipada durante toda a vida escolar e que a nossa visão de cultura indígena era distorcida. Observamos casas construídas em alvenaria, a maioria sem muros, sendo que algumas delas possuíam cercas feitas de pau a pique.

As casas da aldeia eram bem pintadas e, embora simples, nem de longe pareciam com as ocas que na infância figuravam nos livros. Por onde passamos também



observamos uma pequena escola, que olhando por cima do muro, dava para ver que era bem organizada.

Notamos ainda a existência de meios de transportes não muito populares, ao lado de carroças, caminhões baús e tratores. Como assim? Os índios tinham transportes modernos? Isto levou-nos a pensar que, como afirma Santos (2016, p.12): “Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas [...]”.

Não pudemos deixar de perceber alguns animais soltos como: cachorros, gatos e galinhas.

O lugar aparentava ser calmo, tranquilo e também bastante limpo. Nossa presença parecia não causar muito espanto, pois acreditamos que deve ser comum pessoas irem lá pra conhecer um pouco mais dos costumes Potiguara.

Logo após esse momento, nos direcionamos ao encontro do Pajé Antônio, em sua residência, na entrada da casa do Pajé há uma pequena loja onde se pode comprar alguns acessórios, do tipo artesanais: colares, brincos, enfeites para os cabelos, lanças dentre outros. Todos feitos por ele. Entramos por um caminho ao lado de sua casa, o qual nos levou ao Terreiro Sagrado.

Nesse momento a curiosidade tomava conta de todos nós, pois a cada instante ia se formando um novo índio dentro do nosso imaginário. Fomos muito bem recebidos pelo Pajé e por sua família que já estava à nossa espera. Alguns membros da tribo já estavam caracterizados.

O lugar é encantador e misterioso existia uma parte que estava bem destacada em forma de círculo, com espaços para sentar e observar o que iria acontecer. Nesse momento ficamos mais à vontade para fazermos pinturas corporais, além de algumas perguntas e questionamentos que nos saciasse tanta curiosidade naquele ambiente sagrado.

Em seguida iniciaram-se as apresentações, onde o Pajé fala de sua cultura, religião, e de como recebeu aquele título, de como era ser conhecido como índio nos padrões de hoje, de preconceitos velados, sentidos ainda com tanta vivacidade na atualidade para com os povos indígenas e sua cultura. Nesse momento é que percebemos o quanto desfazemos e não valorizamos nossa cultura de origem, tão rica em simbolismo e detalhes, preferindo nos aculturar a ponto de não nos identificarmos com nossa cultura ancestral.

Nessa perspectiva já antevia e, ao mesmo tempo, previa Sergio Buarque de Holanda (1995, p. 172):

Ainda testemunhamos presentemente, e por certo continuaremos a testemunhar durante largo tempo, as ressonâncias últimas do lento cataclismo, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raízes ibéricas de nossa cultura para a inauguração de um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério.

Esse pensamento se foi concretizando.

Inicia uma dança e um pedido de proteção ao Deus Tupã tanto para o lugar quanto para todos os que estavam presentes. Nesse momento percebemos o orgulho dele em nos mostrar um pouco de sua cultura tão sofrida, mas ainda tão resistente. Invadiu-nos uma mistura de orgulhoso e de frustração, o que nos inquietava, pois, mesmo sabendo da importância desse povo na história do nosso país, o víamos ainda ser tão desvalorizado. Fomos convidados a entrar no círculo e a dançar com eles, nesse momento de integração nos tornamos um pouco índio, nem que tenha sido apenas naquele instante em que estávamos dançando e cantando a mesma música ensinada por eles. E pra finalizar nosso encontro fomos convidados a fazer um pequeno círculo, todos de joelhos e de mãos dadas, para recebermos uma benção do Povo Potiguara.

Ficamos a pensar que após tanto tempo de lutas, perdas linguísticas e crenças, o povo Potiguara ressurge querendo ter de volta todo o território tomado pelos invasores e querendo ser reconhecido como tal. É quase impossível hoje



depois de tantas influências e lutas o índio nativo permanecer “puro” com seus costumes e crenças



do passado. Hoje é bastante comum as Aldeias Potiguaras terem uma igreja e um santo padroeiro, que geralmente são visitadas em dias de missa, festa do padroeiro e dia de finados. Como podemos perceber alguns desses costumes religiosos ainda permanecem fincados dentro da cultura indígena nessa localidade. Segundo Aguiar e Ricardo (2012), para os índios, festejar os santos significa expressar o desejo de proteção, tais festas são realizadas dentro do calendário agrícola: de plantação e colheita iguais a ritos de fertilidade e fartura.

Conforme Aguiar, Ricardo (2012), ainda hoje no dia do índio (19 de abril) acontece o ritual do Toré sendo pensado como um “ritual sagrado” que celebram as amizades entre as aldeias, trata-se de uma dança coletiva que os fazem pensar em todo seu passado histórico. O Toré é aberto com



um discurso do cacique informando a importância de manter o ritual vivo para a perpetuação da tradição, em seguida todos se ajoelham e fazem sua oração silenciosa. Nesse momento as pessoas se posicionam em três círculos, no menor, ao centro, ficam os tocadores, no segundo encontram-se os índios que vão dançar (homens e mulheres), vestidos com roupas apropriadas para a dança, já no círculo de fora ficam os caciques das aldeias, acompanhando o cacique geral, sempre cantando, tocando e dançando em movimentos circulares e no sentido horário. Depois que o Toré é encerrado os participantes dançam o

coco de roda e os círculos vão sendo ampliados à medida em que as pessoas que não estavam vestidas com as roupas adequadas vão entrando para dançar o coco.

A existência de uma única reserva indígena e suas riquezas naturais constitui um lado atrativo para a região despertando curiosidades para os guerreiros sobreviventes e descendentes dos primeiros habitantes do Brasil.

E assim finalizamos nossa aula cultural, com um novo índio em mente, nos transformando junto com a sua cultura, mas procurando conservar seus costumes e crenças tão dizimados pelos ditos homens colonizados. Pensamos como afirma o Professor Gonzaga: “A partir de hoje são menos pessoas ignorantes em relação aos povos indígenas”.

CONCLUSÃO

Como recurso da educacional, a aula de campo é um momento de culminância acadêmica. Nela se pode unir teoria científica e prática pedagógica. É também uma oportunidade de desconstruir e reconstruir paradigmas que já não se encaixam na realidade atualizada de uma sociedade que está em constante mutação. Trata-se de uma oportunidade ímpar, especialmente, quando se considera a formação de professores.



Constatar, refletir e entender que a cultura se transforma junto com seus costumes e crenças é perceber

que não existirá um grupo humano (etnia) melhor ou pior que o outro, é observar que a cultura indígena também tem sua organização e seu valor dentro da sociedade brasileira, mesmo em meio a tanta desvalorização cultural. Nesse sentido concluímos enfatizando a grande benesse desse tipo de metodologia, na qual formam-se mentes menos preconceituosas, uma vez que trata-se da formação de formadores de novos cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Bruno B.; RICARDO, Fany P. **Povos Indígenas no Brasil**. Site do Instituto Sócio Ambiental, ISA, 2012. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/potiguara/935>. Acesso em 03 de setembro de 2017.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **"Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível"**. Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense/Edusp, 1986.

GONSALVES, Elisa P. **Educação e a Curva Pedagógica**. Campinas – SP, Ed. Alínea, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATURANA, Humberto. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?** 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.